

## Histórias de Vida na América Latina\*

*Aspásia Camargo  
Lucia Hippolito  
Valentina da Rocha Lima*

### *I. Advertência*

Inúmeras são as dificuldades que cercam as tentativas de avaliação do método de história de vida na produção intelectual latino-americana. Por isso mesmo, preferimos classificar esse trabalho como uma tentativa preliminar. Como não tratamos de um país, mas de um continente, os obstáculos se multiplicam, pois a despeito de características culturais comuns, as diferenças entre os países são enormes. A reduzida integração econômica, política e cultural faz da América Latina um vasto conglomerado com um precário fluxo de comunicação acadêmica, que ainda hoje se realiza através da Europa e dos Estados Unidos. O primeiro reflexo do quadro acima neste trabalho é a disparidade no levantamento da produção dos diferentes países.

É certo que a comunicação aumentou nos últimos anos, paradoxalmente estimulada pelas crises políticas que dominaram o chamado Cone Sul e que provocaram uma circulação inédita de quadros acadêmicos entre países como Brasil, Argentina, Chile, Venezuela e México, deixando como saldo positivo uma rede de relações pessoais e profissionais que poderá ser ampliada em um futuro próximo. E quem sabe se

ela não será o embrião de uma identidade cultural mais sólida e dinâmica?

Outro problema se vincula ao fato de, nas condições anteriormente mencionadas, uma avaliação desta natureza ser feita por pesquisadores brasileiros. Entre todos os países, o Brasil é, sem dúvida, o mais isolado e mais atípico, seja pela diferença de língua (deixando-o à margem dos importantes mercados editoriais do México e de Buenos Aires), seja pela geografia (que isola o eixo Rio-São Paulo dos demais centros culturais do continente). Isto nos impede, portanto, de integrar uma subcultura regional expressiva, como é o caso dos países andinos, do Prata ou do Caribe, ou daqueles que embora separados geograficamente são parte de uma cultura com raízes pré-colombianas comuns.

Estas explicações são indispensáveis para justificar o desequilíbrio entre as informações obtidas sobre o Brasil, de um lado, e sobre os demais países, do outro, acrescentando-se que para os países de língua espanhola houve um maior acesso à Argentina e ao México, centros editoriais importantes, ao contrário de outros como Chile, Peru, Venezuela ou a América Central e o Caribe.

---

\* Trabalho apresentado no Grupo sobre uso de narrativas autobiográficas (histórias de vida) nas ciências sociais, X Congresso Mundial de Sociologia, no México, em agosto de 1982.

Com a finalidade de obter informações, distribuímos questionários pelas instituições latino-americanas de nosso conhecimento, mas os resultados obtidos foram insignificantes. As listas de instituições existentes são ainda precárias, e como os especialistas em história de vida não ignoram, questionários deste tipo raramente fornecem os dados necessários para o levantamento cuidadoso do conteúdo dos assuntos e questões em curso. As tentativas através de contatos pessoais foram muito mais proveitosas.<sup>1</sup>

Em resumo, este trabalho deve possuir lacunas importantes, mas ainda não somos capazes de avaliar sua dimensão exata. A América Latina é um continente, os países são diferentes, o acesso à documentação é difícil e as fontes de consulta são escassas. Creemos, portanto, que o levantamento iniciado poderá ser de alguma utilidade e continuar em uma segunda etapa, com a ajuda de trabalhos parciais mais exaustivos.

Em termos de conteúdo, a diversidade de propostas metodológicas existentes não parece diferir fundamentalmente do que ocorre em outras partes do mundo. A riqueza e heterogeneidade do material coexistem como sinal, talvez, do dinamismo do método, mas também de seu ainda precário amadurecimento. Alguns critérios de classificação do material foram propostos, neste artigo, como passo inicial para que sejam sistematizados e discutidos procedimentos e técnicas comuns.

Cabe ainda assinalar, como consideração preliminar, que a introdução do método de história de vida na América Latina é um fenômeno do pós-guerra que tendeu a identificar-se, através das entidades internacionais e pesquisadores que o propuseram, com a tomada de consciência do chamado Terceiro Mundo e do processo de descolonização na nova ordem mundial, isto é, com a necessidade de melhor conhecer os problemas específicos das populações e dos países emergentes.

## II. A Contribuição Latino-Americana

Os primeiros trabalhos que merecem registro seguem uma linha clássica nos estudos de história de vida iniciados por Paul Radin, e que se impuseram sem maiores dificuldades no campo das pesquisas antropológicas sobre culturas "primitivas". Nesta área, onde os trabalhos foram abundantes, contínuos e profícuos, incluiu-se o estudo de Alfred Métraux (1942) sobre um messias quechua, e bem mais tarde a autobiografia de um índio guatemalteco, produzida por Biesanz e Ordoñez (1958). Incluiu-se ainda a

autobiografia etnográfica de um *cimarron* de 105 anos de idade, baseada em entrevistas com um ex-escravo fugido chamado Estéban (Barnet, 1966). Dada a influência da cultura pré-colombiana, não é de surpreender que a tradição inaugurada por Radin tenha permanecido (Magrassi, Roca, 1980).

Foi ainda no campo da antropologia que se realizaram, na América Latina, alguns estudos que revelam mudanças de ênfase tanto teóricas como temáticas. De fato, o método passa a ser utilizado para reconstituir a vida e as experiências de indivíduos pertencentes à classe trabalhadora (Mintz, 1960) ou aos *urban poor* (Lewis, 1961), como resposta aos novos dilemas do pós-guerra.

Abrindo o caminho para a mudança dos objetos antropológicos, o norte-americano Sidney Mintz foi, provavelmente, o primeiro a aplicar o método a um proletário rural — o porto-riquenho Taso Zayas. Este *Worker in the Cane* pertence a uma comunidade submetida ao processo de "modernização" pós-45. Ele é típico, mas não é "típico" de modo algum.<sup>2</sup> É a partir do singular que Mintz aborda o eterno problema das relações entre o indivíduo e a cultura, entre experiência pessoal e mudança social. Desvendando o conteúdo universal de um caso específico, *Worker in the Cane* figura, portanto, como um marco nos trabalhos de história de vida.

Há uma significação similar no clássico trabalho de Oscar Lewis, *The Children of Sanchez* (1961), que apresenta a diversidade das experiências de vida nas classes baixas da Cidade do México, através de cinco membros de uma mesma família. Tanto no livro de Mintz como no de Lewis, as narrativas dos informantes foram editadas e adaptadas para publicação, com a diferença de que Mintz inclui suas próprias perguntas, comentários e interpretações no livro, enquanto Lewis as eliminou. Ambos, entretanto, defendem a importância de publicar seus estudos de caso como forma de melhor entender, através dos indivíduos, suas respectivas culturas.

No caso específico de Lewis, ele utilizou seus estudos para explicitar uma proposta teórica já elaborada — a "cultura da pobreza" — e que se tornou um importante ponto de crítica e debate nos anos seguintes. De fato, o trabalho de Lewis provocou grande controvérsia em todos os países onde ele realizou pesquisas — Porto Rico, México e Cuba. Mas sua influência pode ser sentida tanto dentro como fora da América Latina, levando à conversão de convictos "positivistas" a uma nova perspectiva meto-

dológica (Bertaux, 1981). Lewis aproveita ainda a introdução de seu livro para, de certa forma, enunciar suas preocupações políticas com o futuro do mundo subdesenvolvido, especialmente a América Latina.<sup>5</sup>

A mudança no enfoque antropológico também ocorreu no Brasil, nos estudos sobre comunidades desenvolvidas a partir de 1948. Quinze monografias foram publicadas até 1960, a maioria utilizando técnicas etnológicas tradicionais; quatro delas, entretanto, utilizaram histórias de vida (Guidi, 1962).

No início dos anos 50, o Brasil foi campo de uma das mais férteis experiências de pesquisa patrocinadas por organismos internacionais o que parece ser a origem da formação de um núcleo seletivo de intelectuais paulistas, aglutinados em torno do sociólogo Florestan Fernandes. No início da década a revista *Anhembi*<sup>6</sup> decide patrocinar uma pesquisa sobre negros no Brasil, coordenada por Roger Bastide, com a participação de seu antigo aluno, Florestan Fernandes.<sup>5</sup>

Por outro lado, a emergência da questão da descolonização africana e asiática propicia à recém-criada Unesco investigar o tema das relações raciais no Brasil, inspirada nas afirmações de Donald Pierson, então em moda, de que o Brasil seria um exemplo feliz de "democracia" racial. Por esta razão, o antropólogo Alfred Métraux, chefe do Departamento de Relações Raciais da Unesco, une-se ao grupo *Anhembi* para elaborar o projeto *Anhembi-Unesco*. Os resultados desta pesquisa apontam as origens, manifestações e efeitos do preconceito de cor no Brasil, em uma obra que se tornou clássica (*Unesco-Anhembi*, 1955) e que gerou outras, igualmente importantes, sobre o mesmo tema (Cardoso, 1962; Ianni, 1962; Fernandes, 1965).

O trabalho, fortemente apoiado em métodos de tipo qualitativo, utiliza o método ecológico (seleção de bairros ou zonas), questionários padronizados, entrevistas ocasionais (instantâneos do cotidiano), entrevistas abertas, de livre narrativa e o método de história de vida. Nele ficam definidos alguns princípios que guiarão aquela geração de pesquisadores: "As estatísticas apenas poderão propiciar um quadro geral e muito tosco da verdadeira situação das relações entre brancos e negros" (...) pois o "método operativo fundamental será a observação direta, conduzida sob a forma de estudos de situações histórico-sociais e de pequenos inquéritos" (Bastide, Fernandes, 1959: 354-56).

Neste mesmo período, como subproduto da pesquisa foram produzidos vários textos metodológicos orientados para a reflexão sobre o

método de história de vida (Nogueira, 1952; Bastide, 1953; Queiroz, 1953; Moreira, 1953; Fernandes e Gattás, 1956). E se, de fato, a utilização específica do método não teve continuidade nos anos posteriores, permaneceu como saldo positivo a posição crítica da sociologia paulista (e brasileira) e sua acentuada preferência pela dimensão histórica e pela abordagem qualitativo-interpretativa, inclusive nos estudos quantitativos.

Todavia, foi de fato no México que o método adquiriu importância estratégica. Em 1959, antes mesmo da publicação do livro de Lewis, criou-se no Museu Nacional de Antropologia um arquivo sonoro, que realizava entrevistas com a elite que participou da Revolução Mexicana. Em 1972 o núcleo se transformou em programa de história oral, e em 1976 o arquivo sonoro é transformado em *Archivo de la Palabra*, com status de departamento (Alonso, 1982). Sob a coordenação de Eugênia Meyer recolhem-se os testemunhos dos *villistas* e *zapattistas*, que permitirão enriquecer os estudos sobre a Revolução Mexicana, através da participação popular (Villa, 1982).<sup>6</sup>

É ainda no México que os pesquisadores James e Edna Wilkie (1969) propõem a seleção de sete perfis a partir de narrativas autobiográficas de "un político y hacendista, un agrarista, un fundador del Partido Acción Nacional (PAN), un teórico y militante marxista, un católico militante, un ex-presidente de México y un economista e historiador", para reconstituir, através de diferentes ideologias e filiações políticas, a história mexicana deste século (Wilkie, 1969: 4). A experiência com elites latino-americanas induziu o próprio Wilkie a propor uma teoria do *elitelore* (Wilkie, 1974), que ele aplicou recentemente para discutir o papel histórico de Eva Perón, além de suas motivações pessoais e influências (Wilkie, Menell-Kinberg, 1981).

Foi no México, mais exatamente em Monterrey — importante centro industrial — que os pesquisadores argentinos Jorge Balán e Elizabeth Jelín, juntamente com Harley Browning, realizaram um *survey* de 1.640 entrevistas sobre a mobilidade social e geográfica, suas origens e efeitos sobre uma sociedade em desenvolvimento. O trabalho trata de inserir Monterrey no quadro de reflexões mais amplas sobre modelos (e estereótipos) de desenvolvimento, à luz de evidências e propostas fornecidas a partir de diferentes países (Balán, Browning, Jelín, 1973a, 1973b). A pesquisa utiliza um questionário padronizado, que inclui perguntas de história de vida referentes à emigração, educação,

formação da família, saúde e emprego. Considerando o caráter inovador desta combinação, foi necessário, segundo os autores, "inventar uma técnica que transferira em forma más eficiente las historias de vida de las cédulas de entrevista a la cinta de la computadora". Dessa forma foi possível conciliar os enfoques micro e macrosociológico e estudar o desenvolvimento econômico do ponto de vista do sujeito, da estratificação social e das classes (Balán, Browning, Jelín, 1973).

Num estudo mais recente sobre o trabalho feminino, Jelín tratou exclusivamente com histórias de vida, examinando o trabalho feminino a partir de um ciclo temporal, durante o qual as pesquisadoras seguiram, passo a passo, num extenso período de tempo, a evolução dos acontecimentos diários que marcam e redefinem a vida familiar (Jelín, Feijó, 1980).

A pesquisa de Monterrey serviu de modelo para um projeto — o projeto Salvador — realizado no Brasil entre 1971 e 1972 pela equipe do Cebrap, sob a coordenação de Fernando Henrique Cardoso. Elizabeth Jelín participou da elaboração do projeto de *survey* e de sua codificação. Tal como em Monterrey, esta experiência utilizou o modelo de "história de vida computacional" (Prandi, 1972).

Em 1976 Roderic Ai Camp publicou uma série de dados biográficos sobre as elites políticas mexicanas. Obtidas a partir de entrevistas pessoais, cartas e outros tipos de fonte, 12 diferentes categorias de informação foram cobertas: desde origens familiares, contextos regional e cultural até carreiras políticas (posições eletivas, funções nos partidos políticos, no governo e em *lobbies*) e rede de relações sociais. Este esforço biográfico resultou num artigo do próprio Ai Camp (1974) e forneceu alguns elementos que seriam utilizados por Peter Smith. De fato, processando no computador dados biográficos de mais de seis mil membros das elites políticas mexicanas, Peter Smith estabelece em *Labyrinths of Power* as condições de recrutamento, acesso e exercício do poder para todos aqueles que ocuparam posições-chave em três diferentes momentos históricos: porfiriato, revolução e pós-revolução (Smith, 1979). Aqui também pode-se falar de um modelo de "história de vida computacional".

No Peru, Matos Mar desenvolve duas pesquisas importantes, seja pelo tema ou pelos procedimentos metodológicos utilizados. No contexto de um projeto de tipo antropológico que estuda as transformações radicais na propriedade e nas relações de trabalho no vale de Chancay, o Instituto de Estudos Peruanos publicou

uma narrativa biográfica em que se fixam, através da história de vida de um velho *yanacón*,<sup>7</sup> os valores e costumes de uma cultura em processo de desaparecimento. *Erasmo* é um exemplo significativo de como "la situación estructural de un grupo social se refleja en un destino individual" (Mar e Carbajal, 1974: 14); por seu intermédio recuperamos uma tradição rural cujos vestígios se perdem na vida de seus descendentes. Em um capítulo etnográfico os autores reconstituem um dia comum na vida da família Muñoz, organizada ao redor de seu chefe; finalmente, no epílogo eles apontam para a dispersão da unidade familiar camponesa, e cada um dos filhos segue seu destino.

Em *Barriadas de Lima* (Mar, 1977) o objeto se desloca para a problemática urbana. Matos Mar dirige, em 1956, um levantamento exaustivo das *barriadas* limenhas — 1.º Censo Geral das *Barriadas* — cujos dados cobrem 130 mil habitantes. Estes dados serão parcialmente publicados em 1968. Além dos dados clássicos de idade, sexo, ocupação, escolaridade etc., são incluídas e classificadas diferentes formas de organização do grupo doméstico, regime de habitação, motivação para a migração para as *barriadas* e participação nas formas associativas como elementos típicos desses conglomerados urbanos. Mas, são as 18 biografias selecionadas entre as 50 realizadas em 1956 que dão vida e organicidade a estes dados, permitindo avaliações sobre mecanismos de liderança, sempre associados à militância política e à experiência associativa; sobre a importância da mulher, sobre o dinamismo, a heterogeneidade e a instabilidade — social, cultural, geracional — das *barriadas* de Lima, "tal es la realidad que estas biografias nos ofrecen" (Mar, 1977: 168).

Não obstante, Buenos Aires será o mais importante centro de irradiação do método enquanto método, ao publicar o livro de referência de Jorge Balán, *Historias de Vida en las Ciencias Sociales* (1974), onde coexistem textos já clássicos, como o de Angell, com os mais recentes, como os de Becker, Marsal e Langness. Outros, ainda, se voltam para estudos concretos realizados na Argentina, Bolívia e México. A experiência de Monterrey frutificou, portanto, através de Jorge Balán, numa espécie de carta de princípios em defesa do método, exposta na apresentação do livro (Balán, 1974). A Argentina prossegue na linha dos manuais, introduções metodológicas, apresentando uma recompilação exaustiva e didática dos principais trabalhos de história de vida (Magrassi e Roca, 1980). É ainda na Argentina que se realiza o interessante experimento metodológico de Juan Marsal,

*Hacer la América*, que consistiu em auxiliar a construção da autobiografia de um imigrante espanhol com a ajuda de um pesquisador e de todos os instrumentos de controle disponíveis para checar sua acurácia.

Uma vertente importante de trabalho que se fortaleceu ultimamente foi a de criar bancos de dados constituídos de testemunhos gravados, isto é, núcleos de história oral que hoje se disseminam pelo continente. Em geral, tais núcleos não se preocupam especialmente com histórias de vida, concentrando-se mais em temas do que em atores. Entretanto, pela própria natureza da fonte, esses núcleos sempre recolhem informações biográficas relevantes, em alguns casos mais do que em outros.

O *Archivo de la Palabra*, já mencionado, além de realizar entrevistas sobre a Revolução Mexicana, desenvolveu, também outros programas sobre cinema, medicina, refugiados da guerra civil espanhola e educação (Alonso, 1982). Outro núcleo importante de entrevistas se encontra no Instituto Torquato di Tella, em Buenos Aires. Num projeto realizado entre 1971 e 1972 entrevistaram-se políticos, intelectuais, militares e funcionários públicos da década de 1930, além de um importante grupo de líderes operários do período peronista.

O Programa de História Oral do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas iniciou, em 1975, uma série ininterrupta de entrevistas com líderes políticos brasileiros desde 1930 aos nossos dias. Neste contexto, a técnica de história oral funcionou como o suporte formal para armazenar testemunhos históricos, reconstituindo-se exaustivamente trajetórias políticas através do método de história de vida (Camargo, 1981).

*Diálogo com Cordeiro de Farias* (Camargo, Góes, 1981) e *Minhas memórias provisórias* (Magalhães, 1982) são frutos deste trabalho, baseado nos relatos biográficos de dois *key actors* — informantes e testemunhas privilegiados —, líderes militares importantes que exerceram durante cinco décadas as mais destacadas funções políticas. Na edição conservou-se a estrutura primitiva de perguntas e respostas que deu alma ao relato, de maneira a tornar explícita a fluidez do diálogo na reconstituição dos acontecimentos e na reflexão sobre o período. Com essas obras se definiu uma linha de trabalho que se situa entre a autobiografia e a biografia e que deverá continuar com outros depoimentos de igual importância, de forma a constituir um painel integrado da elite e da cultura brasileiras.

O banco de dados do Programa de História Oral do CPDOC tem sido utilizado para produ-

zir inúmeras pesquisas, algumas delas fortemente apoiadas em informação biográfica de histórias de vida (Forjaz, 1982). Ligado diretamente à história oral iniciou-se um trabalho sobre as elites paraibanas, segundo um procedimento metodológico que consistiu em elaborar hipóteses de trabalho a partir de entrevistas abertas de história de vida (com o auxílio de todas as fontes disponíveis), para em seguida testá-las através de questionários padronizados com cem atores, que forneceram dados biográficos importantes para explicar divisões no processo que conduziu à Revolução de 1930. A classificação desses atores em seis grupos principais, detectados a partir de dados fornecidos por suas biografias, está sendo confrontada (e ilustrada) com os modelos de discurso obtidos através das entrevistas (Raposo, 1982).

O CPDOC colaborou também em um importante projeto de documentação e pesquisa dirigido por Simon Schwartzman aplicando história oral e histórias de vida. Mais de 70 depoimentos de ilustres cientistas brasileiros de diferentes disciplinas foram utilizados como base de apoio para o estudo da formação da comunidade científica no Brasil. Além de seu valor intrínseco, as entrevistas forneceram pistas relevantes que ajudaram a avaliar e ordenar as demais fontes de consulta disponíveis (Schwartzman, 1979).

Com o objetivo de documentar não apenas o padrão do exílio brasileiro, mas também as mudanças nas visões de mundo provocadas pela emigração política (Cavalcanti e Ramos, 1976), um grupo de intelectuais brasileiros no exílio desenvolveu o projeto *Memórias do exílio*. Neste caso, os próprios pesquisadores eram parte de seu "objeto" de estudo.

*Memórias do exílio* foi um projeto de documentação com preocupações de pesquisa. Seus dois volumes publicados constituem o primeiro registro compreensivo das posições intelectuais e modos de vida de segmentos da esquerda brasileira nos anos 60 e 70. A diversidade dos testemunhos apresenta uma variedade de perspectivas da experiência do exílio, além de abrir a possibilidade da análise de problemas particulares — como movimentação espacial e mudanças ideológicas — através de histórias de vida (Rocha Lima, 1980, 1982). Em sua primeira fase, entretanto, o projeto concentrou-se mais em temas, organizando os *human documents* e os esboços de histórias de vida em torno do período anterior e posterior à profunda ruptura representada pelo momento do exílio. No estágio seguinte foram gravadas histórias de vida, resultando numa múltipla autobiografia de mulheres exiladas.

No Brasil devemos ainda fazer uma menção especial à reflexão de Ecléa Bosi (1979) em um ensaio singular inspirado em Halbwachs, sobre a memória dos velhos, ilustrado com oito histórias de vida. As recordações sobre a família, o espaço urbano, os fatos marcantes da biografia e, principalmente, o trabalho aparecem tal como o viveram os setores populares de São Paulo. Este estudo levou Maria Isaura Pereira de Queiroz, antiga defensora do método, a retomar uma linha similar de trabalho (São Paulo, 1982), que o Centro de Estudos Rurais e Urbanos - CERU da USP vem desenvolvendo com ênfase. De outro lado, Eunice Durham, também da USP, publicou em 1968, com Hinaldo Becker, longo comentário sobre entrevista realizada em 1965 com um imigrante nordestino, José Tantão Siqueira da Costa.

Recentemente, o número de trabalhos acadêmicos utilizando o método, pelo menos no Brasil, multiplicou-se de maneira surpreendente. Na verdade, é necessário assinalar que, na maioria dos casos, não existe uma utilização deliberada e consciente, nem uma reflexão sistemática sobre sua *virtualidade* e limites. Muitas vezes o que poderíamos considerar aplicação do método se resume à utilização de entrevistas com pessoas vinculadas ao tema. Nestes casos, não é a biografia o suporte da pesquisa. O ator é apenas o informante de determinadas práticas que se desenvolvem no presente momento, e os vínculos com o passado, apenas ocasionais ou ilustrativos. Esta seria uma forma generosa de beneficiar o leitor com o que Oscar Lewis denominou "a satisfação e a compreensão emocional que o antropólogo experimenta ao trabalhar diretamente com seus personagens, mas que apenas raras vezes aparecem transmitidas no jargão formal das monografias antropológicas" (Lewis, 1970: XI).

Neste e em outros casos, o recurso constante à experiência vivida tem sido benéfico, levando o pesquisador a um contato personalizado com o universo que ele estuda. Na área da pesquisa histórica, entrevistas com testemunhas e participantes têm sido freqüentemente utilizadas, como meio de preencher lacunas que derivam de uma escassa documentação disponível.

No plano autobiográfico, verificou-se, especialmente no Brasil, uma surpreendente proliferação de memórias, sobretudo entre personagens históricos e atores políticos, desmentindo uma antiga constatação de Wilkie de que os políticos latino-americanos não falam nem escrevem sobre si mesmos (Wilkie, 1974). Esta proliferação tem a ver com a inibição da atividade política institucional, durante quase duas

décadas, dificultando a livre circulação da informação, e, por conseguinte, transformando alguns atores estratégicos em depositários de informações sobre o período em que atuaram e viveram.

Por esta mesma razão, imperam no continente relatos jornalísticos ou de tipo militante, sem maiores preocupações acadêmicas e que têm sido importantes como fonte de consulta. Entrevistas com políticos, mulheres, ativistas políticos, estudos sobre bairros populares, trazem mais uma vez à tona as ricas colorações da experiência vivida (Viezzler, 1978; Coutinho, 1955; São Bernardo, 1981; Moraes & Viana, 1982; Grupo Ceres, 1981; Caso, 1973).

Isto não impede que na área estritamente acadêmica sejam abundantes os trabalhos e diversificadas as linhas de investigação. Aí se destacam, por exemplo, os estudos sobre família em Buenos Aires, no México e no Rio de Janeiro (Jelin, 1980; Lomnitz e Lisaur, 1978; Salem, 1980). Identificamos ainda análises sobre grupos desviantes, como homossexuais (Guimarães, 1977), mendigos (Stoffels, 1977), criminosos (Ramalho, 1979) e consumidores de drogas (Velho, 1975); estudos importantes sobre o campesinato (Lopes, 1976; Garcia Junior, 1975; D'Incao, 1979), medicina popular (Loyola, 1982), velhos (Bosi, 1979), operários de diferentes setores, desde a construção civil (Ribeiro, 1980; Coutinho, 1980), fábricas chilenas (Winn, 1979) até a indústria automobilística (Rainho, 1980). Há ainda trabalhos sobre favelas e periferia urbana (Kowarick, 1980; Perlman, 1977; Matos Mar, 1977; Durham, 1982), intelectuais e políticos (Miceli, 1977-81).

### III. Alguns Modelos de Análise

Considerando a enorme diversidade de utilizações da história de vida, podemos inseri-las em termos de modelos de análise em um contínuo, em que um dos extremos é a autobiografia, isto é, a narrativa de um indivíduo sem interferências externas, e o outro as análises estruturais baseadas na experiência de uma infinidade de autores que se dissolvem na rede de relações sociais esclarecidas por suas vidas. No primeiro caso se preserva o máximo de identidade e individualidade, e as estruturas se deduzem a partir de um exemplo concreto. No último, os atores se reduzem a estruturas. Em posições intermediárias é possível identificar diversos níveis de interferência do pesquisador no discurso do ator e diversos níveis de autonomia ou de controle de um sobre o outro.

a) *autobiografia* — neste caso o ator fala por si mesmo, e na maior parte dos casos assume publicamente sua própria história, que pela importância do personagem desperta o interesse público. Este é o caso dos inúmeros líderes políticos que prestam contas de seus atos perante a História, ou mais recentemente o dos grandes nomes do *show-business*. É muito comum que se subestime a importância sociológica de tais documentos, sob o argumento de que são parciais, promocionais ou mentirosos. A mesma coisa, aliás, ocorre com a biografia — poucos são os que a levam a sério (Edinger, 1964) — que se encontra ainda bastante impregnada dos vícios de uma historiografia tradicional e ultrapassada. Uma tentativa de discutir, não tanto biografias mas trajetórias, foi realizada por Aspásia Camargo (1979) sobre Vargas.

É importante ressaltar a relevância extrema da autobiografia no continente latino-americano, onde as sociedades são ainda pouco integradas, isto é, possuem escassa informação disponível, diversidade social extrema e historiografia incipiente. Nestes casos, a autobiografia, de fabricação espontânea, preenche um vazio intratável.

Neste particular, cabe uma anotação importante: ainda que na maioria dos casos este tipo de material se revele incompleto e ambíguo, de conteúdo impreciso, existem alguns exemplos notáveis que merecem registro. No Brasil, a prodigiosa reconstituição de Afonso Arinos de Melo Franco (1961-79) em cinco volumes reapresenta, através da vida de um dos mais destacados intelectuais e homens públicos, um quadro exaustivo da aristocracia agrária, da elite política e intelectual, das lides políticas, dos hábitos e da cultura brasileira em processo (Camargo, 1982). Na mesma dimensão estariam as memórias de outro mineiro, Pedro Nava (1972-82), médico conceituado e intelectual, que pinta com talento e precisão de detalhes um quadro completo de personagens típicos e do cotidiano brasileiro. Na Argentina, as memórias de Victória Ocampo (1979) desempenham provavelmente um papel histórico comparável.

Nos casos excepcionais que citamos acima, onde predomina a inspiração literária, poderíamos até lamentar a interferência externa do historiador ou do sociólogo, na medida em que talvez se perdesse no diálogo oral a riqueza voluntária do escrito.

Como exemplo original de autobiografia, tanto pela origem do ator — um imigrante espanhol — como pelo tratamento metodológico que recebeu, devemos mencionar *Hacer la América*, de Juan Marsal (1979), depoimento enco-

mentado que foi submetido a numerosas operações de controle, tais como entrevistas antes e depois de haver sido escrito, conferência de fidelidade, bem como a utilização de diferentes tipos de dados. Tudo indica que este trabalho parece haver sido o exemplo bem sucedido da intervenção do pesquisador sobre o relato autônomo, mas não espontâneo, do entrevistado.

De caráter mais tradicional, mas não menos importante, é a autobiografia do líder camponês e destacado membro do Partido Comunista Brasileiro, Gregório Bezerra. Além de descrever suas atividades políticas, Bezerra apresenta no primeiro volume o testemunho realista e pungente sobre as condições de vida do camponês brasileiro — a vida familiar, as privações, a luta pela sobrevivência — e em seu caso o processo de politização e comprometimento político que o levaram à militância e à clandestinidade. Descobrimos cinco décadas de história, o relato preserva, sobretudo em sua primeira parte, a emoção e a riqueza da experiência vivida (Bezerra, 1979).

b) *entrevistas biográficas* — designamos como entrevistas biográficas aquelas que são realizadas com a participação do pesquisador, que interfere como tal na composição e estrutura do relato. De outro lado, estas entrevistas se concentram em geral em um único ator, considerado de antemão digno de estudo, e que passa a ser objeto de indagação teórica enquanto unidade totalizante de pesquisa, e não em função de um tema específico, previamente determinado. No melhor dos casos, tais entrevistas são inseridas em um universo já intensamente estudado, e o ator aparece para revelar em sua totalidade aspectos integrados de uma estrutura social que o pesquisador já conhece. Este é o caso das entrevistas de Mintz e de Lewis — estas feitas com vários membros de uma mesma família. Em ambos os exemplos, intensos estudos de campo haviam sido realizados, nos quais os entrevistados tinham exercido um papel ativo. O depoimento funciona, pois, como desdobramento natural e enriquecedor da própria pesquisa. Este foi também o caso das entrevistas realizadas pelo CPDOC com Cordeiro de Farias e Juracy Magalhães, como parte de uma pesquisa bem mais extensa. Dada a expressividade destes depoimentos — que se compõem com outros, ainda inéditos — cada um adquiriu também expressão autônoma.

Em inúmeros casos, utilizando conceitos não muito definidos de representatividade, alguns pesquisadores (ou jornalistas) se dedicaram à tarefa de selecionar um conjunto de atores

individuais, para deixá-los falar livremente sobre suas vidas ou sobre temas importantes de suas vidas. James Wilkie escolheu diferentes tipos de atores políticos para retratar o México que emergiu da Revolução Mexicana. Lewis, como já vimos, escolheu os membros de uma mesma família. Os exilados, os subversivos, as mulheres e ainda os políticos foram também examinados.

Em todos esses exemplos, portanto, fica claro que os autores (ou pesquisadores) não se dedicam a fundo a interpretar as informações obtidas. Seu papel crucial parece ser mais o de selecionar e ordenar que o de analisar e interpretar, pois domina a impressão — talvez incorreta — de que o ator fala por si mesmo e qualquer tentativa de interpretação seria inútil.

c) *histórias de vida como fonte complementar de pesquisa* — os depoimentos de história de vida nem sempre aparecem como fins em si mesmos. Trabalhos acadêmicos utilizam narrativas biográficas como apêndices ilustrativos ou como um meio entre tantos de recolher dados e descobrir pistas relevantes para a pesquisa. Como exemplo de relatos ilustrativos poderíamos referir-nos a estudos sobre populações das favelas levados a cabo por Lúcio Kowarick em São Paulo (1980) e Janice Perlman no Rio (1977). Este mesmo recurso foi empregado para o censo elaborado por Matos Mar (1977), ao analisar exaustivamente as *barriadas* de Lima, e também por Ramos e Magnani (1980) em seu trabalho sobre enfermidade e cura na religião umbandista.

Optando por uma orientação metodológica paralela, desenvolveram-se importantes estudos no Museu Nacional do Rio de Janeiro, a partir do início dos anos 70, envolvendo trabalhos sobre grupos desviantes (Velho, 1975; Guimarães, 1977), comunidades pesqueiras (Duarte, 1978) e especialmente o campesinato e operários da cana-de-açúcar do Nordeste. Nestes estudos de abordagem qualitativa (entrevistas abertas e observação participante) foram utilizadas algumas histórias de vida. Lígia Sigaud (1979) serviu-se desses testemunhos para elucidar questões que não haviam obtido resposta satisfatória nas entrevistas temáticas anteriores. O princípio dominante foi definido no primeiro trabalho de campo produzido sobre representações e ideologia dos camponeses da Zona da Mata — sul de Pernambuco (Sigaud, 1979). Sugerindo que não seria necessário esgotar quantitativamente seu universo de pesquisa, Sigaud alude a que "cada trabalhador é um informante potencial, pois adotamos a perspectiva teórica que nos permitiu supor que a eleição do informante não de-

pendia de uma amostra, e que cada trabalhador poderia ser considerado o suporte da ideologia de sua classe" (Sigaud, 1979: 23). A seguir, García Júnior (1975) e Lopes (1976) focalizaram o pequeno produtor autônomo e o operário da cana, servindo-se de testemunhos pessoais e aplicando um modelo marxista de investigação.

d) *histórias de vida como suporte da pesquisa* — esta seria a última instância do contínuo que propusemos como critério de classificação dos trabalhos que empregam histórias de vida. Neste caso o método não funciona como fonte complementar de dados, mas como suporte principal que revela a rede de relações sociais. As experiências humanas são descritas em sua dimensão temporal e permitem alcançar os mecanismos de funcionamento da estrutura social que as contém. Isto é, em um momento decisivo da análise o discurso do ator — com sua individualidade e especificidade — é decomposto, reagrupado e interpretado, e pode ainda diluir-se na trama social que integra o conjunto de atores. Muitas vezes esses discursos são interpretados segundo a posição funcional ou de classe que cada ator ocupa no interior da estrutura social. Como exemplo, tomemos o estudo de Larissa Lomnitz (1978) sobre as cinco gerações da família Gomez no México, com formas definidas de reciprocidade, de transmissão de autoridade e de distribuição de papéis. O trabalho feminino é também focalizado em um ciclo temporal que não apenas recupera o passado, mas se projeta no futuro: os pesquisadores seguem *pari passu* por um largo período os fatos que marcam a vida familiar e a redefinem (Jelín, Feijó, 1980). Os papéis no interior da família nuclear foram igualmente analisados a partir de histórias de vida (Salem, 1980). Suzana Pravaz (1981) apresenta, por sua vez, um trabalho utilizando histórias de vida com dados comparados sobre o Brasil, a Argentina e o Peru. Em cada país parece predominar um modelo cultural feminino que coincide com os mitos de Afrodite, Páris Atena e Hera, respectivamente.

No Brasil, merecem menção dois trabalhos de inspiração teórica comum, ainda que os temas sejam diversos. Um deles trata do campo hierarquizado da medicina e das práticas religiosas que determinam a oferta dos serviços de saúde em uma cidade da periferia do Grande Rio (Loyola, 1982). O outro trata do campo intelectual e suas ligações subalternas com as classes dirigentes (Miceli, 1979). Em ambos os trabalhos a origem e a composição de classe

constituem o elemento explicativo da função social que desempenha cada um desses agentes. Como conceito fundamental aparece a noção de "campo", tributária de Pierre Bourdieu. Utilizando biografias, Miceli desenvolveu também um estudo sobre líderes partidários, chegando a interessantes conclusões sociológicas sobre suas diferentes origens e posições de classe (1981).

Alguns trabalhos em curso utilizam histórias de vida para captar a lógica e as características sócio-culturais das migrações internas do Nordeste para São Paulo (Gervaiseau, 1982) e seu objetivo é esclarecer pontos obscuros nos estudos usuais sobre migração e mobilidade. Da mesma forma, foram investigados os homossexuais - suas representações, origens e práticas (Guimarães, 1977) - e também os mendigos da cidade de São Paulo (Stoffels, 1977). Estes trabalhos utilizaram o método da observação participante readaptado à diversidade e à dispersão que caracterizam o universo urbano.

#### IV. Conclusão

Falar em métodos de história de vida cobre procedimentos e abordagens os mais diversos, que dificultam qualquer esforço para classificar de maneira exata os trabalhos realizados. A primeira dificuldade é, portanto, optar por uma definição mais precisa do que seja *história de vida*, segundo critérios que não sejam demasiado abrangentes nem excessivamente restritivos. Parece fundamental, ao final deste trabalho, estabelecer uma diferença entre as entrevistas de história de vida e as entrevistas *tout court*. Ficou também evidente a diferença entre a entrevista e o que se definiu mais amplamente como *human documents*.

Uma entrevista de tipo aberto tende a coletar dados utilizando a experiência dos atores especialmente comprometidos com o objeto de estudo, mas se define como *história de vida* na medida em que utiliza a experiência do ator de maneira *longitudinal*, buscando encontrar padrões universais de relações humanas e percepções individuais, além de interpretações sobre a origem e funcionamento dos fenômenos sociais, através das articulações temporais fornecidas pelas entrevistas. Assim, obter sucessivos fatos sobre o sujeito (ou sujeitos) e suas experiências é fundamental para a compreensão não apenas do ator social em si mesmo, mas também das unidades ou processos sociais que são mais amplos do que os indivíduos. De outro lado, a denominação *human documents* parece ser muito heterogênea e abrangente, e para nossos fins,

imprecisa, pois inclui uma diversidade de documentos, mas não necessariamente a entrevista de história de vida, tal como a definimos acima. Outra dificuldade básica reside no fato de que o termo *história de vida* não quer dizer a mesma coisa para antropólogos, sociólogos, historiadores ou jornalistas, ainda que todos eles a tenham utilizado, com maior ou menor êxito, segundo suas conveniências específicas.

Em princípio, parece que a utilização de histórias de vida está mais incorporada à prática antropológica que aos demais campos, e de tal forma que muitas vezes o método é empregado tão automaticamente que mal aparece uma menção específica mais precisa. Assim, é muito comum que no trabalho de campo as histórias de vida sejam utilizadas de forma complementar, integradas à observação participante, para dar maior consistência às demais entrevistas. Dada a familiaridade do antropólogo com o conceito de estrutura, para ele não constitui problema registrar histórias de vida como meio de recuperá-la, segundo a proposta feita por Daniel Bertaux (1981) em trabalho recente.

Se na Antropologia a afinidade com as histórias de vida se realiza através do conceito de *estrutura* (e de cultura), na História o fenômeno se verifica através da noção de *processo*. Histórias de vida sendo por definição cortes longitudinais na estrutura social, automaticamente permitem entender mudanças sociais e sucessões de episódios, especialmente a partir do momento em que a disciplina alargou seus objetivos passando a incluir neles fenômenos culturais mais amplos (etno-história, história das mentalidades) e não mais fatos e acontecimentos (Le Goff, 1974).

Em Sociologia o problema maior parece residir ainda na tentativa de conciliar técnicas quantitativas e qualitativas. Na América Latina, onde a tradição quantitativista jamais se implantou hegemonicamente, é curioso observar como as histórias de vida se adaptam bem a uma tradição mais especulativa e historicista, ainda que na maioria dos casos, como ocorreu na Antropologia, o método permaneça como uma ilustração ou complementação de dados obtidos por outros meios.

É certo que o relativo isolamento dos intelectuais latino-americanos em relação ao circuito internacional muitas vezes propiciou o desconhecimento do que se realizou na matéria. Mas é também verdade que histórias de vida foram utilizadas no continente com uma frequência surpreendente, que muitas vezes não corresponde a preocupações metodológicas explícitas. Na maioria dos casos dominou o pragmatismo,

muito comum na utilização de histórias de vida no meio acadêmico, no jornalismo e entre os próprios atores.

De outro lado, recebemos influências múltiplas (especialmente da tradição européia), que nos garantiram, como ponto positivo, uma pluralidade de propostas que asseguraram maior elasticidade na adaptação dos instrumentos teóricos e metodológicos à interpretação da realidade latino-americana. Além disso, não se deve subestimar a extensão e a originalidade do desafio que representam as profundas mudanças sociais que se processaram no continente nas últimas décadas. Funcionamos, de fato, como um laboratório. Ainda que inspirados em modelos de análise europeus e americanos — reflexões sobre teoria e método são contribuições universais que não se improvisam e que se cristalizam lentamente — houve também um lugar enorme para a inventividade crítica no estudo e interpretação do que se chamou "a realidade latino-americana". Essa inventividade veio em resposta a muitas tentativas de aplicar mecanicamente modelos de interpretação importados, como os que constatamos, por exemplo, em diferentes abordagens de teorias de modernização e desenvolvimento. Este foi o caso da importante contribuição da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) no debate sobre o modelo de desenvolvimento latino-americano do enfoque da dependência, da marginalização etc.

Em suma, histórias de vida parecem ser utilizadas com o mesmo ecletismo e desenvoltura com que se combinam e usam outras abordagens e métodos. Sua real utilidade se revela espontaneamente nos mais diversos estudos sem a preocupação de uma aplicação rigorosa e sistemática: a espontaneidade da utilização pode ser também prova de eficácia.

Cabe uma palavra final sobre a diversidade dos estudos realizados e sobre as distintas formas de utilização do método. A multiplicidade de temas, como ilustramos neste trabalho, é surpreendente. Estudos sobre desvio social, sobre inúmeros segmentos da classe trabalhadora e do campesinato, a marginalidade urbana, os intelectuais, a família, as mulheres, os exilados, os revolucionários, as elites políticas, religião e medicina popular.

Entretanto, é necessário não esquecer que as formas de utilização são diferentes. As histórias de vida podem concentrar-se em um ator ou em diversos atores, com níveis de rigor metodológico que vão desde os sedimentados estudos de

campo de Mintz e de Lewis até os úteis porém nem sempre exatos relatos jornalísticos. Nestes casos, os graus de interferência do pesquisador e do material complementar de apoio são os mais variáveis. Alguns se limitam a um simples relato, outros são selecionados, produzidos, ordenados, complementados com documentos ou interpretados. Há também os que utilizam histórias de vida apenas como ilustração de um elaborado trabalho de pesquisa. No passado, poucos trabalhos acadêmicos se apoiaram em histórias de vida como ferramenta principal de trabalho, mas atualmente a tendência visível é de consolidação do método.

Os graus de *envolvimento* do pesquisador e do ator variam muito. Há trabalhos que utilizam a observação participante; outros realizam longas entrevistas, abrangendo muitas dimensões ou concentrando-se em temas específicos. A maioria das pesquisas reduzem as histórias de vida a suas temáticas. Outras, mais abertas, as utilizam para formular hipóteses e colher informações básicas referentes à experiência vivida.

Há pesquisas de *survey* quantificando histórias de vida, tanto quanto entrevistas qualitativas e temáticas onde o recurso imprevisto à biografia se revela essencial para sistematizar evidências obtidas pelo material já levantado. Localizamos também algumas experiências importantes do ponto de vista documental e metodológico. Em um continente onde a diversidade, a origem das práticas sociais e sua temporalidade são pouco conhecidas, porque não há documentação disponível e as fontes estão ainda desorganizadas, o método de história de vida apresenta muitas vantagens, dando maior consistência e organicidade aos bancos de dados recém-criados.

Diferenças consideráveis podem ainda ser verificadas no que se refere ao *timing* na utilização de histórias de vida. Em geral, os que registram os atores em profundidade combinam a extensão temporal com uma diversidade de dimensões temáticas, apresentadas de forma totalizante. Os que se inclinam mais para a concentração em uma dimensão temática quase sempre especificam, reduzem o tempo e as informações provenientes da biografia. Mesmo nestes casos, o *timing* oscila: alguns trabalhos cobrem temporalmente parte de uma vida ou uma vida inteira; outros, duas ou três gerações, estudando, por exemplo, instituições científicas ou famílias.

A extrema diversidade temática, de *timing*, de número de atores e dimensões de análise nada tem de inconveniente; tampouco parece ser específica da América Latina. Esta heteroge-

neidade é talvez a prova da extrema virtualidade e riqueza do método: razão suficiente para que se inicie um esforço de sistematização e refle-

xão metodológica que poderá ser útil a outros pesquisadores e a seus trabalhos e reflexões futuras.

## Notas

1. Agradecemos a colaboração de Elizabeth Jelín, do Cedes de Buenos Aires; José de Matos Mar, do Instituto de Estudos Peruanos de Lima; Gilberto Velho, do Museu Nacional do Rio de Janeiro; Sidney Mintz, da Universidade John Hopkins; Henri Gervaiseau, da Universidade de Campinas (Unicamp), e de Ruth Cardoso e Maria Isaura Pereira de Queiroz, ambas da Universidade de São Paulo (USP).

2. No prefácio da edição de 1974, Mintz diz que "this man, Taso Zayas, is neither a public figure, nor a famous man, nor prestigious nor distinguished. In fact, except for his very unusual intelligence, Taso might be described as quite average in nearly every way. But I tried to make clear when I first wrote the book that this emphatically does not mean that Taso is 'typical', representative of others, nor ordinary" (1974: IX). De fato, na introdução da mesma edição, Mintz repete o que já tinha escrito em 1960: "He is not an 'average' anything — neither an average man, nor an average Puerto Rican, nor an average Puerto Rican lower-class sugar cane worker. He has lived just one life and not at all of that. He doesn't think of himself as representative of anything, and he is right". Sidney Mintz, *Worker in the Cane, a Puerto Rican Life History*. New Haven (Conn.), Yale University Press, 1960: 11 and New York, Norton Library, 1974: IX, 11.

3. Lewis escreveu: "It is the poor who emerge as the true heroes of contemporary Mexico, for they are paying the cost of industrial progress of the nation (...) and unless ways are found to achieve a more equitable distribution of the

growing national wealth and a greater equality of sacrifice during the difficult period of industrialization we may expect social upheavals, sooner or later". Oscar Lewis, *The Children of Sanchez: Autobiography of a Mexican Family*, London, Penguin Books, 1970: XXXI. Lewis escreveu outras obras, como *La vida, Pedro Martinez* e *Living the Revolution*, sobre Cuba.

4. A revista *Anhembi* (1950-62), publicada em São Paulo sob a direção de Paulo Duarte, destacou-se na cultura brasileira dos anos 50, publicando artigos sobre Literatura, Sociologia, Antropologia e História, de autores nacionais e estrangeiros.

5. Participaram desta pesquisa alguns alunos brilhantes que pouco mais tarde iriam constituir a chamada sociologia paulista: Fernando Henrique Cardoso, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Renato Jardim Moreira, Maria Sílvia de Carvalho Franco, Ruth Correia Leite (Cardoso), Marialice Mencarini (Foracchi).

6. Em 1977, segundo os dados de seu catálogo, o *Archivo de la Palabra* contava com 223 entrevistas.

7. Ser *yanacón*, nas palavras de Erasmo Muñoz, "significa que la hacienda nos ha dado tierra y como arriendo tenemos que pagar un cantidade en algodón que es el 20% del algodón cosechado, y el resto del algodón que nos queda también tenemos que vendérselo a la hacienda al precio que ella fija". José de Matos Mar e Jorge A. Carbajal, *Erasmo Muñoz, Yanacón del Valle de Chancay*, Lima, Instituto de Estudios Peruanos, 1974.

## Bibliografía

- Alonso, Marisol  
1981. *Oral History in Mexico*. Ad hoc group on the uses of autobiographical narratives (life stories) for social research. Xth World Congress of Sociology, Mexico, august.
- Angell, Robert  
1974. "El Uso de Documentos Personales en Sociología: una revisión Crítica de la Literatura, 1920-1940". In Jorge Balán (org.), *Las Historias de Vida en Ciencias Sociales*. Buenos Aires, Nueva Visión.
- Balán, J.; Browning, H. L.; Jelin, E. e Litzler, L.  
1969. "A Computadorized Approach to Processing and Analysis of Life Histories Obtained in Sample Surveys". *Behavioral Science*, v. 14, n. 2.
- Balán, J.; Browning, H. L. e Jelin, E.  
1973a. *Migración, Estructura Ocupacional y Movilidad Social (el caso de Monterrey)*. Mexico, UNAN.
- Balán, J.; Browning, H. L. e Jelin, E.  
1973b. *El Hombre en una Sociedad en Desarrollo: Movilidad Geografica en Monterrey*. Mexico, Fondo de Cultura Económica.
- Balán, J.; Browning, H. L.; Jelin, E. e Litzler, L.  
1974. "El Uso de Historias Vitales en Encuestas y sus Análisis Mediante Computadoras". In Jorge Balán (org.), *Las Historias de Vida en Ciencias Sociales*. Buenos Aires, Nueva Visión.
- Balán, J. e Jelin, E.  
1980. "La Structure Sociale dans la Bibliographie Personelle". *Cahiers Internationaux de Sociologie*, V. LXIX.
- Barnet, Miguel  
1976. *Biografía de un Cimarrón*. Buenos Aires, Centro Editor de America Latina.
- Bastide, Rogé  
1953. "Introdução a Dois Estudos sobre a Técnica das Histórias de Vida". *Sociologia*, v. XV, n. 1, março.
- Bastide, Roger e Fernandes, Florestan  
1959. *Branços e Negros em São Paulo*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 2.<sup>a</sup> Edição (revista e aumentada). Coleção Brasileira, n. 305.
- Becker, Howard S.  
1974. "Historias de Vida en Sociología". In Jorge Balán (org.), *Las Historias de Vida en Ciencias Sociales*. Buenos Aires, Nueva Visión.
- Beiker, Hinaldo e Durham, Eunice R.  
1968. "A Vida Rural Tradicional; Comentário ao Depoimento de um Imigrante Nordestino". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 3.
- Bertaux, Daniel  
1981. *Introdução*, in Daniel Bertaux (ed.), *Biography and Society*. Beverly Hills, Sage.
- Bezerra, Gregório  
1979. *Memórias*. 2 v., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

- Biesanz, J. J. e Ordoñez, M.  
1958. "Autobiography of a Guatemalan Indian", *Men and Cultures*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Boriszenko, Oksana Olga  
1969. "A Imigração Ucraniana no Paraná". *Simpósio Nacional dos Professores de História*, n. 4. São Paulo, Imprensa da Universidade de São Paulo.
- Bosi, Ecléa  
1979. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz.
- Camargo, Aspásia  
1978. "O Ator, o Pesquisador e a História: Impasses Metodológicos na Implantação do Cpdoc". In Edson Nunes (org.), *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Camargo, Aspásia  
1979. *Carisma e Personalidade Política. Vargas: da Conciliação ao Maquiavelismo*. Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV.
- Camargo, Aspásia  
1981. "The Actor and the System: Trajectory of the Brazilian Elites". In Daniel Bertaux (ed.), *Biography and Society*. Beverly Hills, Sage.
- Camargo, Aspásia  
1982. "Afonso Arinos: Alguns Momentos de sua Vida". *Afonso Arinos na UnB*. Brasília, Universidade de Brasília.
- Camargo, Aspásia  
1982. *The Uses of Oral and Life History: Working with the Political Elite*. Ad hoc Group on the Uses of Autobiographical Narratives (life stories) for Social Research. Xth World Congress of Sociology. Mexico, agosto.
- Camargo, Aspásia e Góes, Walder de  
1981. *Meio Século de Combate: Diálogo com Cordeiro de Farias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Cardoso, Fernando H.  
1962. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. São Paulo, Difel.
- Carneiro, Glauco  
1977/78. *Luzardo, o Último Caudilho*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Caso, Antônio  
1973. *Los Subversivos*. Havana, Casa de las Americas.
- Cavalcanti, Pedro e Ramos, Jovelino  
1976. *De Muitos Caminhos...* Memórias do Exílio, v. 1. Lisboa, Livraria Arcádia.
- Costa, Albertina; Marzola, Norma; Moraes, Teresa e Rocha Lima, Valentina da  
1980. *Memórias das Mulheres do Exílio*. Memórias do Exílio, v. 2. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Coutinho, Lourival  
1955. *O General Góes Depõe...* Rio de Janeiro, Coelho Branco.

- Coutinho, Ronaldo do Livramento  
1980. *Operário da Construção Civil. Urbanização, Migração e Classe Operária no Brasil*. Rio de Janeiro, Achiamé.
- D'Incao, Conceição  
1979. *Os Bóias-Frias*. Petrópolis, Vozes.
- Duarte, Luís Fernando Dias  
1978. *As Redes do Suor: a Reprodução Social dos Trabalhadores*. Tese de Mestrado em Antropologia, Museu Nacional, UFRJ.
- Durham, Eunice  
1982. *A Cidade Vista da Periferia: o Contexto Cultural dos Movimentos Sociais Urbanos*. Seminário sobre Condições de Vida da Classe Operária, Museu Nacional.
- Edinger, Lewis  
1964. "Political Science and Political Biography; Reflections on the Study of Leadership". *The Journal of Politics*, n. 26.
- Fagen, Patrícia W.  
1975. *Transferrados y Ciudadanos: Españoles Republicanos en Mexico*. México, Fondo de Cultura Económica.
- Fernandes, Florestan e Gattás, Ramzja  
1956. "A História de Vida na Investigação Sociológica: a Seleção dos Sujeitos e suas Implicações". *Sociologia*, v. XVIII, n. 2.
- Figueiredo, Argelina M. Cheibub  
*Coalizões Políticas no Brasil: 1960-64: Alternativas Democráticas à Crise Política*. Tese de Ph.D. em Ciência Política, University of Chicago (em andamento).
- Forjaz, Maria Cecília Spina  
1982. *Tenentismo e Forças Armadas na Revolução de 1930*. Tese de Doutorado em Ciência Política, Universidade de São Paulo.
- Franco, Afonso Arinos de Melo  
1961. *A Alma do Tempo* (memórias). Rio de Janeiro, José Olympio.
- Franco, Afonso Arinos de Melo  
1965. *A Escalada* (memórias). Rio de Janeiro, José Olympio.
- Franco, Afonso Arinos de Melo  
1968. *Planalto* (memórias). Rio de Janeiro, José Olympio.
- Franco, Afonso Arinos de Melo  
1976. *Alto-Mar Maralto* (memórias). Rio de Janeiro, José Olympio.
- Franco, Afonso Arinos de Melo  
1979. *Diário de Bolso Seguido de Retrato de Noiwa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Fundação Getulio Vargas  
1981. *Programa de História Oral*. Rio de Janeiro, Cpdoc-Setor de História Oral.
- Garcia Junior, Afrânio Raul  
1975. *Terra de Trabalho*. Tese de Mestrado em Antropologia, Museu Nacional, UFRJ.

- Gervaiseau, Henri  
1982. *Migrants du Nordeste à São Paulo: une Experimentation de l'Approche Biographique*. Ad Hoc Group on the Uses of Autobiographical narratives (life stories) for Social Research. Xth World Congress of Sociology, Mexico.
- Grupo CERES  
1981. *Espelho de Vênus: Identidade Sexual e Social da Mulher*. São Paulo, Brasiliense.
- Guimarães, Carmen Dora  
1977. *O Homossexual visto por "Entendidos"*. Tese de Mestrado em Antropologia, Museu Nacional, UFRJ.
- Guimarães, Dora  
*Um Discurso de Retorno: a Política Homossexual do Grupo Somos-RJ*. Tese de Doutorado em Ciência Política, Universidade de São Paulo (em andamento).
- Hippolito, Lucía  
1982. *Biografia e Política. A Ala Moça do PSD*. Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV.
- Ianni, Octávio  
1962. *As Metamorfoses do Escravo*. São Paulo, Difel.
- Jelin, Elizabeth  
1974. "Secuencias Ocupacionales y Cambio Estructural: Histórias de Trabajadores por Cuenta Propia". In Jorge Balán (org.), *Las Historias de Vida en Ciencias Sociales*. Buenos Aires, Nueva Visión.
- Jelin, Elizabeth  
1976. "El Tiempo Biográfico y el Cambio Histórico: Reflexiones sobre el Uso de Historias de Vida a partir de la Experiencia de Monterrey". *Estudios Sociales*, n. 1. Buenos Aires, Cedes.
- Jelin, Elizabeth e Feijó, Maria del Carmen  
1980. "Trabajo y Familia en el Ciclo de Vida Femenino. El Caso de los Sectores Populares de Buenos Aires". *Estudios Cedes*, v. 3, n. 8/9.
- Jesus, Carolina Maria de  
1960. *Quarto de Despejo*. 5.ª Edição, São Paulo, Francisco Alves.
- Kowarick, Lucio  
1980. *A Espoliação Urbana*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Lacerda, Carlos  
1978. *Depoimento*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Langness, L. L.  
1974. "Usos Potenciales de la Historia de Vida en Antropología". In Jorge Balán (org.), *Las Historias de Vida en Ciencias Sociales*. Buenos Aires, Nueva Visión.
- Laraia, Roque de Barros  
1967. "O Homem Marginal numa Sociedade Primitiva". *Revista do Instituto de Ciências Sociais*, v. 4, n. 1, Rio de Janeiro.
- Le Goff, Jacques  
1974. "Les Mentalités: une Histoire Ambigüe". In *Faire de l'Histoire*, v. 3 – Nouveaux Objets, Jacques Le Goff e Pierre Nora (dir.). Paris, Gallimard.

- Lewis, Oscar  
1961. *Antropología de la Pobreza. Cinco Familias*. Mexico, Fondo de Cultura Económica.
- Lewis, Oscar; Lewis, Ruth e Rigdon, Susan  
1977-8. *Living the Revolution. An Oral History of Contemporary Cuba*. Urbana, Chicago, London, University of Illinois Press (3 volumes).
- Lewis, Oscar  
1969. *La Vida*. Mexico, Mortiz.
- Lewis, Oscar  
1970. *The Children of Sanchez: Autobiography of a Mexican Family*. London, Penguin Books.
- Lewis, Oscar  
1964. *Pedro Martinez: a Mexican Peasant And his Family*. New York, Random House.
- Lima, Medeiros  
1975. *Petróleo, Energia Elétrica, Siderurgia: a Luta pela Emancipação* (um depoimento de Jesus Soares Pereira sobre a política de Vargas). Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Lomnitz, Larissa A. e Lisaur, Marisol P.  
1978. "The History of a Mexican Urban Family". *Journal of Family History*, v. 3, n. 4 (número especial: "The Family in Latin America").
- Lopes, José Sérgio Leite  
1976. *O Vapor do Diabo. O Trabalho dos Operários do Açúcar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Loyola, Maria Andréa  
1982. "Cure des Corps et Cure des Âmes. Les Rapports entre les Médecines et les Religions das la Banlieue de Rio". *Actes de Recherche en Sciences Sociales*, n. 43.
- Magalhães, Juracy  
1982. *Minhas Memórias Provisórias: Depoimentos Prestados ao Cpdoc*. Coordenação de Alzira Alves de Abreu, Eduardo Raposo e Paulo César Farah. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Magalinski, Jan  
1980. *Deslocados de Guerra em Goiás: Imigrantes Poloneses em Itaberal*. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás.
- Magrassi, Guillermo E.; Roca, Manuel M. e outros  
1980. "La Historia de Vida". Buenos Aires, Centro Editor de America Latina.
- Mar, José de Matos  
1977. *Las Barriadas de Lima, 1957*. 2.ª edição. Lima, Instituto de Estudios Peruanos.
- Mar, José de M. e Carbajal, Jorge A.  
1974. *Erasmus Muñoz, Yanacón del Valle de Chancay*. Lima, Instituto de Estudios Peruanos.
- Marsal, Juan F.  
1969. *Hacer la America: Autobiografía de un Inmigrante Español en la Argentina*. Buenos Aires, Ed. Instituto Torquato di Tella.
- Marsal, Juan F.  
1974. "Historias de Vida y Ciencias Sociales". In Jorge Balán (org.), *Las Historias de Vida en Ciencias Sociales*. Buenos Aires, Nueva Visión.

- Métraux, Alfred  
1942. "A Quechua Messiah in Eastern Peru". *American Anthropologist*, v. 44.
- Métraux, Alfred  
1973. "Conversaciones con Kedoc y Pedro. Ciencias y Prácticas Religiosas Toba-Pilaga". *In Religión y Magías Indígenas de América del Sur*. Madrid, Aguillar.
- Miceli, Sérgio  
1977. *Poder, Sexo e Letras na República Velha: Estudo Clínico dos Anatolianos*. São Paulo, Perspectiva.
- Miceli, Sérgio  
1979. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Difel.
- Miceli, Sérgio  
1981. "Carne e Osso da Elite Política Brasileira Pós-1930". *In Boris Fausto (ed.), O Brasil Republicano*. São Paulo, Difel, v. 3 (História Geral da Civilização Brasileira).
- Mintz, Sidney  
1960. *Worker in the Cané: a Puerto Rican Life History*. New Haven (Conn.), Yale University Press.
- Moraes, Dênis de e Viana, Francisco  
1982. *Prestes: Lutas e Autocríticas*. Petrópolis, Vozes.
- Moreira, Renato Jardim  
1953. "A História de Vida na Pesquisa Sociológica". *Sociologia*, v. XV, n. 1.
- Mota, Lourenço Dantas (coord.)  
1981. *A História Vivida (I e II)*. São Paulo, O Estado de São Paulo (documentos abertos).
- Nash, June  
1974. "Paralelos Revolucionarios en una Historia de Vida. *In Jorge Balán (org.), Las Historias de Vida en Ciencias Sociales*. Buenos Aires, Nueva Visión.
- Nash, June  
1976. "Basilía". *In Dos Mujeres Indígenas*. Mexico, Instituto Indigenista Interamericano.
- Nava, Pedro  
1972. *Bau de Ossos (memórias 1)*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- Nava, Pedro  
1974. *Balão Cativo (memórias 2)*. Rio de Janeiro, José Olympio (2.<sup>a</sup> edição).
- Nava, Pedro  
1976. *Chão de Ferro (memórias 3)*. Rio de Janeiro, José Olympio (2.<sup>a</sup> edição).
- Nava, Pedro  
1978. *Beira-Mar (memórias 4)*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- Nava, Pedro  
1982. *Galo nas Trevas (memórias 5)*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- Nogueira, Oracy  
1952. "A História de Vida como Técnica de Pesquisa". *Sociologia*, v. XIV, n. 1.

- Nogueira, Oracy  
1968. "A História de Vida". In *Pesquisa Social: Introdução às suas Técnicas*. São Paulo, Ed. Nacional/USP.
- Ocampo, Victória  
1979. *Autobiografia*. Buenos Aires, Ed. Revista Sur (3 volumes).
- Perlman, Janice  
1977. *O Mito da Marginalidade: Favelas e Política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Potangui, Gisela  
1981. *O Processo de Inserção dos Imigrantes na Sociedade Urbano-Industrial*. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil/Ministério do Interior (2 volumes).
- Prandi, José Reginaldo  
1972. "História de Vida Computacional: um Exemplo de Aplicação da Técnica de História de Vida Simplificada para Computação Eletrônica". *Cadernos Cebrap*, 8.
- Pravaz, Susana  
1981. *Três Estilos de Mulher: a Doméstica, a Sensual, a Combativa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Queiroz, Maria Isaura Pereira de  
1953. "Histórias de Vida e Depoimentos Pessoais". *Sociologia*, v. XV, n. 1.
- Rainho, Lúcio Flávio  
1980. *Os Peões do Grande ABC*. Petrópolis, Vozes.
- Ramalho, José Ricardo  
1979. *O Mundo do Crime: a Ordem pelo Avesso*. Rio de Janeiro, Graal.
- Ramos, U. e Magnani, J.  
1980. *Doença e Cura na Religião Umbandista*. Subsídios para uma Proposta de Estudo Comparativo entre a Prática Médica Oficial e as Práticas Alternativas. São Paulo.
- Raposo, Eduardo  
*Elites Políticas Paraitbanas*. Tese de Mestrado em Ciência Política (em andamento).
- Ribeiro, Gustavo Sérgio Lins  
1980. *O Capital da Esperança: Brasília, Estudo sobre uma Grande Obra da Construção Civil*. Tese de Mestrado em Antropologia, Universidade de Brasília.
- Roca, Manuel M.  
1976. "Facundina". In *Dos Mujeres Indígenas*. México, Instituto Indigenista Interamericano.
- Rocha Lima, Valentina da  
1980. *Why Did Feminism Become an Issue for Brazilian Women in Exile*. Trabalho apresentado ao Departamento de História da Universidade de Washington (manuscrito).
- Rocha Lima, Valentina da  
1982. *Memoirs of a Project: Memórias do Exílio. Steps of a Methodological Search*. Ad Hoc Group on the Uses of Autobiographical Narratives (life stories) for Social Research. Xth World Congress of Sociology, México.

- Rodrigues, Arakcy Martins  
1978. *Operário, Operária: Estudo Exploratório sobre o Operariado Industrial da Grande São Paulo*. São Paulo, Símbolo.
- Salem, Tania  
1980. *O Velho e o Novo: um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares*. Petrópolis, Vozes.
- Salem, Tania  
1981. "Mulheres Faveladas: com a Venda nos Olhos". *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, n. 1. Rio de Janeiro, Zahar.
- São Bernardo, seus Bairros e sua Gente. *In Cadernos Históricos*, Prefeitura de São Bernardo do Campo, Departamento de Cultura.
- São Paulo, 1920-1937: *Depoimentos de Trabalhadores de Baixos Recursos*. Coordenação de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo, CERU-USP (em andamento).
- Schwartzman, Simon  
1979. *Formação da Comunidade Científica no Brasil*. Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional/Finep.
- Sigaud, Lúgia  
1977. *Os Clandestinos e os Direitos: Estudo sobre Trabalhadores de Cana-de-Açúcar em Pernambuco*. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade de São Paulo.
- Sigaud, Lúgia  
1979. "A Nação dos Homens; uma Análise Regional de Ideologia". *Anuário Antropológico/78*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- Stoffels, Marie-Ghislaine  
1977. *Os Mendigos da Cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- UNESCO/Anhembi  
1955. *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo. Ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo*. Direção de Roger Bastide e Florestan Fernandes. São Paulo, Anhembi.
- Varela, Alfredo  
1976. *Memórias del Hermano de Túpac Amaru, Escritas en Buenos Aires* (escritas por Juan Bautista Tupacamaru alrededor de 1925, con prólogo de Alfredo Varela). Buenos Aires, Boedo.
- Velho, Gilberto  
1975. *Nobres e Anjos: um Estudo de Tóxicos e Hierarquia*. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade de São Paulo.
- Viezzler, Moema  
1978. *Se me Deixam Falar . . .* 2.<sup>a</sup> edição. São Paulo, Símbolo.
- Villa, Guadalupe  
1982. *Les Vétérans de la Révolution de 1910 dans le Nord de la République*. Ad Hoc Group on the Uses of Autobiographical Narratives (life stories) for Social Research. Xth World Congress of Sociology, México.
- Wilkie, James W.  
1974. "Elitlore". *In Jorge Balán (org.), Las Historias de Vida en Ciencias Sociales*. Buenos Aires, Nueva Visión.

Wilkie, James W. e Wilkie, Edna M.

1969. *México visto en el Siglo XX*. México, Instituto Mexicano de Investigaciones Económicas.

Winn, Peter

1979. "Oral History in the Factory Study: New Approaches to Labor History", In *Latin American Research Review*, v. 14, pp. 130-40.